

23 MAI 1990

GAZETA MERCANTIL

ECONOMIA → Brasil

Página 5

REVO  GRUPO LUXMA

# Não há razões para temer uma explosão inflacionária no País

Edmundo Klotz\*

O fim do congelamento de preços e serviços considerados não essenciais pelo governo constitui fato auspicioso, que deve ser saudado com entusiasmo por todos nós. Indica certamente a intenção das autoridades de descomprimir o mercado, conferindo-lhe condições para adequados ajustamentos. A experiência de congelamento entre nós tem demonstrado que, quanto mais ele se prolonga, mais difícil e traumática torna-se sua liberalização. Pressões represadas de custos, exacerbação do consumo, desajustes de preços relativos, risco de desabastecimento e expectativas de retomada inflacionária são os resultados irrefutáveis de uma política prolongada de congelamento.



As reformas que o governo começa a empreender terão profundas significações na ordem econômica e constituem, por si sós, mecanismos de controle da cadeia econômica. Nesse sentido, não há razão para receios de explosão inflacionária nem açãoamento no sistema de consumo. A exacerbação que se observa em alguns setores do mercado, provocando o que se convencionou chamar de bolhas de consumo, é consequência do impacto inicial e de fatores psicológicos, impulsionados pelo aumento do poder de compra da moeda, sentidos principalmente pelas classes de menor poder aquisitivo. O desenvolvimento natural do programa econômico haverá de equilibrar o mercado, evitando corridas imprevisíveis e atitudes impensadas.

Por tudo isso, cremos que os rumos da economia tendem a entrar em um rit-

mo de normalização e, nesse contexto, a liberalização de preços assume papel de magnitude na estratégia para vitalizar o mercado. Temos plena convicção de que, normatizado o sistema econômico, a liberação de preços poderá até levar alguns produtos a índices inferiores aos patamares atuais. Afinal de contas, uma economia livre, saudável, aberta para trabalhar com margens, de acordo com as leis da oferta e da procura, privilegiará a competência, a qualidade, a tecnologia e a modernização.

O País precisa, isso sim, de pensar grande em direção aos avanços do mundo contemporâneo, que elegem a competitividade e eficiência como fatores de sucesso. Estamos assistindo em diversas regiões à derrocada de políticas contracionistas e intervencionistas, ao desmoronamento do centralismo e dirigismo econômico e ao clamor pela liberdade de iniciativa e oxigenação dos sistemas econômicos.

Acreditamos que os impulsos intervencionistas do governo brasileiro são passageiros, até porque a administração de um plano, com a dimensão monumental do que estamos presenciando, exige, em sua fase inicial, mecanismos de controle enérgicos. Por outro lado, o Brasil que o presidente Collor deseja construir é um país inserido no contexto das modernas economias, livre de amarras, liberto de cartórios e feudos, integrado ao sopro de renovação dos novos tempos. Pelo menos é o que se pode inferir de seu discurso, de suas idéias, de suas intenções tão insistente apregoadas. Para tanto, há necessidade de desguarmos na verdadeira economia de mercado, livre de restrições e implicações burocráticas.

\* Presidente da Associação Brasileira das Indústrias de Alimentos.